

Christo Brand

**Mandela**  
**Meu Prisioneiro, Meu Amigo**

Com a colaboração de Barbara Jones

Tradução  
Victor Antunes

 Planeta

«Em nome da nossa família, é com a mais profunda  
humildade que nos encontramos hoje no local  
onde homens de tão grande coragem fizeram frente  
à injustiça e se recusaram a ceder. O mundo agradece aos heróis  
de Robben Island por nos recordarem que nem  
as algemas nem as celas conseguem refrear  
a força do espírito humano.»

*Mensagem que Barack Obama, presidente dos Estados Unidos,  
deixou escrita no livro dos visitantes de Robben Island,  
em 30 de Junho de 2013*

## Agradecimentos

O meu sincero agradecimento pelo apoio e estímulos à decisão de escrever este livro vai para: Linda Duvenhage, pesquisadora do passado histórico de Robben Island, que há vários anos, quando trabalhamos juntos, me incitou a dar início ao projecto; para Samiena Amien, membro da família alargada de Ahmed Kathrada, que foi a primeira a traçar algumas linhas no papel; para o doutor James Sanders, investigador para a biografia autorizada de Mandela, que me apresentou a minha colaboradora de escrita, Barbara Jones; para Verne Harris e Sahn Venter, da Nelson Mandela Foundation, que nos aconselharam e deram apoio ao longo de toda a obra; aos fotógrafos Mark Skinner, que gentilmente me autorizou a utilizar o seu magnífico retrato de Mandela com Kathrada, e Given Kokela, que tirou algumas fotografias especiais ao presidente Obama quando ele visitou Robben Island, em Junho de 2013; para David Denborough, do Dulwich Centre, em Adelaide, Austrália, que providenciou material precioso da sua biblioteca de narrativa terapêutica, acessível em [www.dulwichcentre.com.au](http://www.dulwichcentre.com.au).

Mas acima de tudo estou grato ao meu caro mentor e ex-prisioneiro, Ahmed Kathrada, autor da nota introdutória. Esse acto obrigou-nos a regressar a tempos dolorosos, hoje ultrapassados pelo poderoso elo de amizade que nos une.

## Nota introdutória

*Em 1964, com Mandela, Ahmed Kathrada foi condenado a prisão perpétua, no Processo de Rivónia. Esteve preso durante 25 anos, e desde a sua libertação tem servido como conselheiro parlamentar de Nelson Mandela e presidente do Robben Island Museum Council. Em 2004, ficou em 46.º lugar no inquérito promovido pelo Canal 3 da South African Broadcasting Corporation para apurar os 100 Sul-Africanos mais Importantes.*

A minha profunda impressão a respeito de Christo Brand é de que se trata de um ser humano essencialmente bom. Não é um político; é apenas um homem movido pela compaixão que se arriscou para ajudar outras pessoas, o que lhe poderia ter acarretado sérios problemas.

Embora o seu livro se concentre no relacionamento que manteve com Mandela enquanto este esteve preso, também tive ocasião de testemunhar a humanidade de Christo durante a minha permanência na prisão. Não me cruzei com ele em Robben Island, onde dei entrada com Madiba a 13 de Junho de 1964 para cumprir a pena de prisão perpétua. Só depois de, em Outubro de 1982, ter sido transferido para o continente, para a prisão de Pollsmoor, é que teve início o meu íntimo relacionamento com Christo.

Todos percebemos que se tratava de um homem bom, alguém que nos podia auxiliar, mas fomos avisados por Madiba para que não nos

aproveitássemos dos jovens guardas ao ponto de lhes causarmos problemas. Pediu-nos que não recorrêssemos a Christo para coisas ligadas à política, como o envio de mensagens e outras, de modo que foram coisas que ele nunca fez. Mas fez uma infinidade de outras.

Uma das minhas mais persistentes recordações quanto à diferença entre Christo e os carcereiros brutais a que estávamos habituados prendeu-se com a ocasião em que fui autorizado a receber a visita do meu advogado, Dullah Omar. Há algum tempo que procurávamos forma de nos encontrarmos e a minha oportunidade surgiu quando, depois de concluir os meus dois níveis de bacharelato pela Universidade da África do Sul, as autoridades prisionais não autorizaram a minha inscrição num mestrado. Respondi que levaria o caso a tribunal e pedi para falar com Dullah.

Numa das suas primeiras visitas, Dullah levou dois pacotes de chamuças – um deles destinado aos guardas, e quando estes o aceitaram perguntou se me poderia entregar o outro. Christo acedeu. Por essa altura, Farida, a mulher de Dullah, geria uma loja de frutas e vegetais no Salt River Market, na Cidade do Cabo, de modo que conseguimos que Christo entrasse em contacto com ela para nos trazer fruta, e ela também lhe dava fruta e legumes para a família. Depois disso, Dullah começou a aparecer para as suas entrevistas legais com a pasta de advogado repleta de comida e sem um único livro de direito. Christo estava ao corrente e sempre o deixou passar.

Ainda mais importantes foram as visitas extraordinárias que me facilitou. Christo autorizou-me a visita de pessoas que em condições normais não me seria permitido ver, tais como a professora Fatima Meer, outros activistas políticos e alguns membros da minha família. Nunca hei-de esquecer o dia em que uma sobrinha minha se casou na Cidade do Cabo e Christo arranhou maneira de quase todos os convivas me visitarem clandestinamente na cadeia. Preparou um lugar especial para visitas no piso de cima, e assim pude vê-los a todos, tanto aos adultos como às crianças. Com elas, fui autorizado a estar um ou dois minutos com cada. Encheram a sala com a sua luz e as suas gargalhadas,

uma visão rara e gloriosa para um homem encarcerado. Com os adultos, e também um por um, foi-me permitido um pouco mais de tempo.

Também me levou de visita a alguns presos políticos que se encontravam em Pollsmoor, o que em certa medida foi mais perigoso para ele do que para mim. Estávamos na década de 1980, vigorava o Estado de Emergência, e milhares de activistas anti-*apartheid* eram detidos por todo o país. Muitos dos activistas do Cabo Ocidental, e até alguns do Cabo Oriental, estavam detidos em Pollsmoor. As famílias desconheciam-lhes o paradeiro, bem como o seu estado de saúde, mas Christo permitiu-me que os visitasse. Certo dia, levou-me a ver Trevor Manuel, que não estava autorizado a receber visitas de ninguém. Trevor, que mais tarde veio a ser ministro das Finanças nos governos de Madiba e de outros presidentes, estava há dois anos na solitária quando Christo me levou até ele.

Para Trevor, foi muito importante ter-me ali a falar com ele. Na prisão, estivemos segregados do mundo durante 20 anos. As únicas fotos nossas que existiam datavam de quando éramos muito mais novos, e até a sua posse constituía uma infracção grave. Pode imaginar-se o impacto que teve sobre ele a nossa visita, durante a qual lhe transmiti as saudações de Madiba e de Walter Sisulu, entre outros; foi um grande alento para o seu estado de espírito. A certa altura, Christo permitiu mesmo que lhe desse um poema de encorajamento. Numa outra ocasião, levou-me a ver Matthew Goniwe, um activista da Província do Cabo Oriental que depois de libertado foi morto pela polícia.

Isolados como estávamos dentro da prisão, nada sabíamos sobre a sida, e foi Christo que nos disse que sete guerrilheiros seropositivos do ANC tinham sido capturados e trazidos de Angola. Um dia, quando estávamos cá fora, correram para nós, para nos abraçarem. Mais tarde, depois de já estarmos fechados nas celas, vimos Christo amparar esses homens com o braço enquanto caminhavam para trás e para diante pelo pátio. Essa imagem de Christo com os prisioneiros seropositivos e uma da princesa Di, que vimos na televisão com uma criança infectada, quebrou a nossa desconfiança quanto à sida,

especialmente por vermos o à-vontade que demonstrava na companhia daqueles homens.

Por causa da dificuldade em comunicar com os outros activistas detidos na prisão, costumávamos colocar-nos debaixo das celas deles e conversar de modo a que ouvissem do que estávamos a falar. Era a nossa maneira de lhes transmitir informações. Em mais uma pequena demonstração de humanidade, Christo, que conhecia o estratagema, nada fazia para nos impedir. Em Outubro de 1989, poucos dias antes da nossa libertação, quando fomos transferidos para uma prisão de Joanesburgo, eu possuía dois aparelhos de televisão. Entreguei um a Christo, para que a desse a esses presos, o que ele fez. O outro aparelho, guardou-o para mim na sua garagem, e devolveu-mo cinco anos mais tarde, quando regressei à Cidade do Cabo como membro do Parlamento.

Uma das coisas mais importantes que Christo fez pelo nosso grupo aconteceu em 1986, alguns meses depois de Madiba ter sido isolado de nós, sem que tivéssemos ideia do que lhe tinha acontecido. Christo veio ter comigo e disse:

– Tenho uma coisa para te dizer, mas já sei que vais a correr contar ao Sisulu e aos outros.

– Bem, não me digas – respondi.

Mas é claro que não se conteve e me disse:

– Ontem à noite, levámos Madiba à casa do ministro da Justiça, Kobie Coetsee.

Para nós, foi uma informação mais do que suficiente sabermos o que tinha acontecido. Deduzimos que Madiba tinha encetado negociações com o inimigo. Pouco depois, Madiba foi autorizado a visitar-nos em Pollsmoor e informou cada um de nós de que as conversações tinham começado a seu pedido, com o intuito de levar por fim o governo a negociar com o ANC. Christo contava-nos sempre que levava Madiba a dar um passeio de automóvel – em geral eram as únicas notícias que tínhamos dele. E para nós eram importantes.

Aos fins-de-semana, quando o sargento James Gregory, outro carcereiro, não estava de serviço, Christo vinha mostrar-me cartas que

Gregory se tinha recusado a entregar-me. Guardavam-nas durante anos, com um maço de exemplares do jornal *Indicator* – um semanário anti-*apartheid* fundado por Ameen Akhalwaya, que o enviava todas as semanas. Sempre que podia, Christo entregava-me um maço de jornais.

E, é claro, a mulher dele começou a fazer bolos de Natal para mim. Todos os Natais ela fazia-me um bolo que Christo me trazia, uma tradição que ainda hoje persiste.

Na vida de um recluso, ter um carcereiro como Christo faz uma diferença tremenda. A princípio, os nossos carcereiros eram homens abrutalhados – com ar de verdadeiros criminosos, ainda que nunca nos tenham tocado –, mas quando os mais novos chegaram as coisas mudaram porque não tinham sido mentalizados para nos odiarem. No entanto, mesmo entre esses, Christo sobressaía pela sua brandura e humanidade.

O nosso relacionamento prosseguiu depois da libertação, e quando ele se demitiu do serviço na prisão ajudei-o a encontrar trabalho nos gabinetes da Assembleia Constituinte. Mais tarde, quando se encontrava preparado para um novo emprego, arranjei-lhe um no Museu de Robben Island.

É um homem trabalhador, pronto a ajudar seja no que for, sempre disposto a ficar para além do horário, o que não acontece com muitos outros. Explorou em moldes lucrativos a nossa loja no Nelson Mandela Gateway, local de embarque para Robben Island. E para além de ganhar dinheiro, revelou-se um excelente elemento de relações públicas, melhor do que qualquer outro, pois adora conversar. Para dar um exemplo, certa vez uma mulher parou a caminho da ilha para comprar uma garrafa de água e Christo, sendo quem é, percebeu-lhe a pronúncia.

– É americana?

– Sou.

Sem adiantar mais, disparou a pergunta:

– Conhece um homem chamado Bob Vassen? (Um amigo meu, que por essa altura leccionava na Michigan State University.)

– Sim, leccionamos juntos – foi a resposta.

O meu livro, *A Simple Freedom*, tinha acabado de sair, e Christo tinha uma grande caixa cheia de exemplares, que ainda não estavam à venda, mas é claro que não me perguntou – e disse:

- Não quer comprar este livro?
- Adorava.
- Quer o autógrafo dele?

E foi assim que vim a conhecer essa mulher, que se revelou ser a professora Marcie Williams, e daquela garrafa de água nasceu uma sólida amizade que ainda hoje perdura. De facto, posso dizer que recebi um doutoramento pela Universidade do Massachusetts graça àquela garrafa.

Espero sinceramente que o livro de Christo, *Mandela – Meu Prisioneiro, Meu Amigo*, receba o respeito e a atenção que merece, pois é um valioso contributo para tudo o que se tem escrito sobre as prisões na era do *apartheid*, e o seu autor é um homem excelente. Para além de ser uma obra única na medida em que é o relato mais honesto que já li sobre o relacionamento de um carcereiro com Nelson Mandela, e nem que seja só por isso, merece todo o crédito. Desejo a Christo o maior êxito do mundo.

Outubro de 2013.

AHMED KATHRADA

## Prólogo

Nelson Mandela viveu a infância entre as colinas verdes e douradas da província sul-africana do Cabo Oriental. Foi lá, na aldeia de Qunu, que correu em liberdade com os amigos. Segundo ele, foram os melhores anos da sua vida, passados a atirar aos pássaros com uma funda, a subir às árvores para colher frutos, a apanhar peixes com um arame recurvado e a beber o leite quente das tetas das vacas.

Tal como eu, por vezes apascentava rebanhos de ovelhas e depois de brincar até ao cair da noite regressava à pequena casa de família para jantar e ouvir, aconchegado ao pé do fogo, as histórias que a mãe lhe contava.

Enquanto adolescente, não teve nenhum contacto próximo com o *apartheid*. No seu mundo pequeno e protegido, não pairavam ameaças no ar. A sua infância foi vivida em segurança, no seio da comunidade rural xossa, a que pertencia.

Em pequeno, também eu nada sabia a respeito das cruéis barreiras existentes no nosso país. O meu pai era capataz de uma fazenda, numa região fértil do Cabo Ocidental. Durante toda a minha infância brinquei com garotos negros e mestiços que viviam connosco na quinta, em Stanford, a muitas milhas da cidade.

Em retrospectiva, tanto Mandela como eu beneficiámos de infâncias inocentes e repletas de encanto, ainda que com muitos anos de

diferença. Ambos fomos criados segundo a tradição cristã e as nossas vidas foram reguladas por pais carinhosos, mas firmes, que nos ensinaram a distinguir entre o bem e o mal. Tudo quanto nos interessava era a casa e a família, as recompensas pelo bom comportamento e os castigos pelo mau.

Em mundos tão diferentes, tanto ele como eu viemos a conhecer de maneira diversa toda a crueldade das leis do *apartheid*, e esses mundos apenas entraram em contacto muitos anos mais tarde, quando nos encontrávamos os dois em Robben Island, a sinistra prisão de máxima segurança, onde ele cumpria pena perpétua e eu trabalhava como carcereiro.

Tinha 19 anos quando pela primeira vez me vi cara a cara com Nelson Mandela. Ele era um homem de 60. Até àquele dia, nunca tinha ouvido falar dele nem do Congresso Nacional Africano, nem das profundas razões que o tinham levado, a ele e aos seus camaradas, a disporem-se a morrer pela sua causa.

O homem que encontrei era humilde e educado, ainda que também fosse o poderoso líder de muitos dos presos políticos que cumpriam pena em Robben Island. Quando ele estava cá fora, num lugar onde o pudessem ver, entoavam um cântico: «*Amandla!* O poder para o povo!» Cantavam, gritavam e faziam a saudação com o punho fechado. Por respeito às normas, ele não lhes podia responder. Tinha de passar por eles e satisfazer-se com uma leve inclinação de cabeça na sua direcção.

Era o seu chefe carismático, a razão de ser da sua presença na ilha e, no entanto, a maioria deles nunca teve ocasião de lhe dirigir a palavra. Também fazia parte das regras.

Em simultâneo um preso digno e um grande condutor de homens, Mandela fazia-me dar voltas à cabeça. Sentia o respeito dele pela minha função, e a compreensão que manifestava por me ver obrigado a submetê-lo a um regime duro para que ambos sobrevivêssemos. Vi-o lavar o chão, despejar o bacio, limpar o pátio – por vezes de joelhos – e, em companhia de alguns outros prisioneiros, cuidar de uma pequena horta onde plantara malaguetas e legumes, para introduzir alguma variedade na horrível comida da prisão.

Quando se me dirigia, dizia sempre «Senhor Brand», embora eu não passasse de um garoto. Eu chamava-lhe Mandela. Apesar de vivermos em mundos diferentes, ao longo do tempo chegámos a ser amigos, capazes de manifestar mutuamente amabilidade e respeito.

Ao cabo de 18 longos e penosos anos em Robben Island, Mandela foi transferido para a prisão de Pollsmoor, no continente, uma tentativa por parte do governo de assim quebrar o Alto Comando do ANC. Acompanhei-o para lá, a ele e aos seus camaradas.

Mais tarde, foi de novo transferido, desta vez para a Prisão Victor Vester, onde lhe foram atribuídas instalações separadas, e onde prosseguiu as suas tentativas de entabular conversações com os dirigentes do governo, iniciadas durante o isolamento em Pollsmoor. Aos poucos, ia ganhando vulto como figura crucial nas negociações para pôr termo aos dias mais tenebrosos da história da África do Sul. Após diversos anos tortuosos, o processo negocial começava lentamente a ganhar ritmo. Nessa ocasião, mais uma vez estive com ele.

No dia da sua libertação, foi decidido que sairia a pé da prisão, acompanhado pela mulher, Winnie, e sem nenhum guarda por perto. Foi por isso que testemunhei esse extraordinário acontecimento em casa, pela televisão, com um nó na garganta e os olhos marejados de lágrimas. Por muito que me custasse a acreditar, a nossa jornada em conjunto tinha chegado ao fim.

Contudo, decorridas algumas semanas, recebi um telefonema de Mandela. Queria reatar o contacto comigo. Desde então tenho feito parte da sua vida, estive presente na maioria das ocasiões importantes, e hoje tenho a honra de ser considerado membro da sua família alargada.

Mandela escreveu sobre o seu «longo caminho para a liberdade», e eu acompanhei-o durante parte dessa jornada, uma experiência incrível que hoje define a minha existência, tal como define a dele.

Em boa verdade, a minha vida começou muito depois da sua. Um rapaz branco, africânder, criado na mesma cultura que deu origem ao Mandela revolucionário, não fazia a mais pequena ideia de que seria isso que me iria levar até ele.